

O GRAFFITI COMO FISSURA NO CAPITALOCENO Produção da cidade entre arte e experiência urbana

*GRAFFITI AS A FISSURE IN THE CAPITALOCENE
The Production of the City
Between Art and Urban Experience*

Gabriele Vargas¹ e Eduardo Rocha²

Resumo

O artigo analisa como o *graffiti* participa da produção compartilhada da cidade e pode abrir fissuras nas relações de mercantilização do espaço urbano sob a perspectiva do Capitaloceno. A noção de fissura orienta a leitura de práticas que ampliam possibilidades de criação, encontro e apropriação cotidiana. O estudo retoma materiais de uma pesquisa de mestrado desenvolvida em Pelotas (RS), articulando observação participativa de um *Domingo de Graffiti*, entrevistas com o artista Gordo Muswieck e experiências de Caminhografia Urbana com estudantes de Arquitetura e Urbanismo entre os bairros Centro e Porto. A análise relaciona pintura coletiva, percursos, registros e interpretações da cidade. Destacam-se o compartilhamento de materiais, as negociações sobre a composição e os usos do lugar, além das interações com quem passa. Argumenta-se que essas dinâmicas constituem alternativas cotidianas à subordinação do espaço ao valor de troca, fomentando a criação compartilhada, a convivência e a participação na paisagem. O *graffiti* é compreendido como abertura na disputa pelos usos e sentidos do urbano, contribuindo para pensar o direito ao sensível como dimensão do direito à cidade.

Palavras-chave: capitaloceno; *graffiti*; caminhografia urbana; produção compartilhada da cidade; direito à cidade.

Abstract

This paper analyzes how graffiti participates in the shared production of the city and can open fissures in the relations of space mercantilization under the Capitalocene perspective. The notion of fissure guides the reading of practices that expand possibilities for creation, encounter, and everyday appropriation. The study revisits materials from a master's research developed in Pelotas (RS), articulating participant observation of a Graffiti Sunday, interviews with the artist Gordo Muswieck, and experiences of Urban Walkography with Architecture and Urbanism students between the Centro and Porto neighborhoods. The analysis relates collective painting, routes, records, and interpretations of the city. It highlights the sharing of materials, negotiations over composition and uses of the place, as well as interactions with passersby. It is argued that these dynamics constitute everyday alternatives to the subordination of space to exchange value, fostering shared creation, coexistence, and participation in the landscape. Graffiti is understood as an opening in the dispute over the uses and meanings of the urban environment, contributing to thinking about the right to the sensible as a dimension of the right to the city.

Keywords: capitalocene; graffiti; urban caminography; shared production of the city; right to the city.

Introdução

As crises socioambientais, civilizatórias e urbanas que marcam o século XXI vêm sendo amplamente discutidas a partir da noção de Antropoceno, que busca evidenciar os impactos das atividades humanas sobre os sistemas terrestres. No entanto, essa narrativa pode responsabilizar uma humanidade genérica, obscurecendo as relações históricas de poder e exploração que participam da produção dessas crises. Elmar Altvater (2018) problematiza esse apagamento ao discutir o fetiche do capital no Antropoceno. Em contraposição a essa visão homogeneizante, autores como Jason W. Moore (2022) propõem o conceito de Capitaloceno, argumentando que a atual crise não resulta da ação do ser humano em geral, mas de um sistema histórico específico estruturado como uma ecologia-mundo. Esse sistema baseia-se na apropriação contínua da natureza, do trabalho e da vida, articulada à produção do que o autor denomina Natureza Barata, produzindo relações profundamente desiguais entre sociedade e ambiente.

Nos espaços urbanos, essas relações se expressam na subordinação dos usos e das formas de ocupação às dinâmicas de valorização do capital, aprofundando desigualdades socioespaciais. Sob essa perspectiva, a obra de Henri Lefebvre (2001) oferece uma chave para compreender a tensão entre a cidade como produto — submetida às lógicas do mercado — e a cidade como obra coletiva — produzida socialmente e carregada de valor de uso. Entretanto, reduzir a cidade às relações econômicas que a conformam significaria ignorar seu caráter permanentemente inacabado. O urbano também se constitui pelas práticas, pelos conflitos e pelas formas de apropriação cotidiana de seus habitantes, permanecendo um campo de disputas sobre os modos de viver e produzir o espaço.

Nesse horizonte, a reflexão desenvolvida neste artigo apoia-se na noção de fissura, elaborada em diálogo com a discussão sobre as fendas proposta por Flo Menezes e Vladimir Safatle (2021). Compreende-se a fissura como uma possibilidade de abertura situada e provisória nas formas dominantes de perceber, usar e compartilhar a cidade, permitindo investigar situações em que determinadas dinâmicas interrompem continuidades e produzem outras formas de relação com o espaço urbano.

Propõe-se investigar o *graffiti* a partir desse horizonte. Ao inscrever imagens, narrativas e memórias nas superfícies da cidade, essa prática pode deslocar a atenção, favorecer encontros e tensionar os usos previstos para determinados lugares. Sua dimensão estética envolve tanto as imagens produzidas quanto os acontecimentos e encontros nascidos em torno delas. Contudo, essa potência não deve ser presumida como uma condição inerente a toda intervenção: é necessário examinar as situações em que se manifesta, seus limites e suas possíveis relações com a própria mercantilização do espaço.

Diante disso, o artigo pergunta: em quais situações e por meio de quais práticas essa expressão artística pode produzir fissuras na experiência da cidade-mercadoria? O objetivo é analisar como intervenções e ações coletivas de *graffiti* participam dos modos de perceber, percorrer e apropriar-se do espaço urbano. Para desenvolver essa discussão, tanto as contribuições de Jason W. Moore quanto as de Henri Lefebvre são colocadas em diálogo com as reflexões sobre estética e subjetividade de Jacques Rancière, Suely Rolnik, Gilles Deleuze e Félix Guattari. A análise retoma experiências da pesquisa de mestrado da autora (Vargas, 2023). Desenvolvida entre os bairros

¹ Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista.

² Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

Centro e Porto, em Pelotas (RS), envolvendo intervenções do artista Gordo Muswieck, observação participativa de um *Domingo de Graffiti* e caminhografias realizadas com estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

Orientando a aproximação com essas vivências, a Caminhografia Urbana articula ações de registrar, jogar e criar discutidas por Rocha, Santos e Del Fiol (2024). Em interlocução com a compreensão do caminhar como prática estética, discutida por Francesco Careri (2013), essa abordagem permite acompanhar as relações entre corpo, imagens e território a partir dos encontros e dos retornos aos lugares. O percurso investigativo volta-se aos acontecimentos e às formas de apropriação que se tornam perceptíveis durante a experiência urbana.

O estudo busca compreender como essas práticas se inserem nas disputas pela produção e pelos usos do urbano. Interessa observar, particularmente, as situações em que imagens, encontros, percursos e ações compartilhadas deslocam formas habituais de perceber e utilizar os lugares. A contribuição proposta está em aproximar a dimensão sensível da criação cotidiana da cidade, reconhecendo suas possibilidades e seus limites.

Capitaloceno, Cidade-Mercadoria e Disputa pelo Urbano

A leitura do Capitaloceno proposta por Moore (2022) desloca a compreensão das crises contemporâneas para além da ação genérica da humanidade sobre o planeta. O autor evidencia um processo histórico específico, vinculado à expansão do capitalismo, que reorganiza continuamente as relações entre trabalho, natureza, tecnologia e poder. Nessa perspectiva, o capitalismo é compreendido como essa ecologia-mundo, na qual a acumulação depende da apropriação e da exploração do trabalho e da natureza. O conceito de permite interrogar os processos históricos que sustentam formas desiguais de produção dos territórios e dos modos de vida.

Tal lógica também se manifesta na produção do espaço urbano. A cidade constitui um importante campo de reprodução material da acumulação, no qual diferentes formas de uso entram em disputa com estratégias de valorização. Como demonstra Harvey (2014), a urbanização participa da absorção dos excedentes do capital, enquanto a especulação imobiliária e a financeirização subordinam usos do território às expectativas de rentabilidade, intensificando desigualdades socioespaciais e pressionando formas de ocupação que não correspondem a essas expectativas.

É nessa dimensão espacial da mercantilização que a contribuição de Henri Lefebvre (2001) se torna central para este estudo. A distinção entre cidade como obra e cidade como produto permite compreender a tensão entre a apropriação coletiva do espaço e sua subordinação ao valor de troca. Enquanto a obra envolve participação, uso e criação, a cidade como produto é submetida às condições de sua comercialização. Embora formulada em outro contexto, essa distinção oferece uma chave para interpretar os processos urbanos discutidos sob a perspectiva do Capitaloceno. Nesse sentido, o direito à cidade envolve a possibilidade de participar da produção e da transformação do urbano, articulando as condições materiais da vida aos modos de habitar, encontrar e criar.

Uma disputa que não se restringe às formas de propriedade ou às estratégias de valorização, mas também atravessa os modos pelos quais os espaços são percebidos, utilizados e compartilhados. A padronização das paisagens e a prioridade conferida à circulação eficiente podem reduzir oportunidades de encontro e permanência, orientando os trajetos para o deslocamento entre moradia, trabalho e consumo. Jan



Gehl (2015) contribui para a observação dessa dimensão espacial ao destacar a importância da escala humana e das condições que favorecem a vida nos espaços públicos.

A experiência urbana envolve, não apenas formas e funções, mas também modos de produção de subjetividade. Rolnik (2016) contribui para essa discussão ao deslocar a atenção para as forças que atravessam os corpos e os encontros. A noção de corpo vibrátil permite considerar a capacidade de sermos afetados por aquilo que emerge nas situações vividas, orientando o interesse desta pesquisa para os modos como corpos, intervenções artísticas e lugares se afetam mutuamente.

É nesse campo de disputas que a dimensão política das imagens e das presenças urbanas pode ser compreendida. A noção de partilha do sensível, discutida por Jacques Rancière (2009), relaciona a ordem política à distribuição dos lugares, das vozes e daquilo que pode ser percebido como comum. No caso do *graffiti*, essa perspectiva permite perguntar quais imagens e narrativas encontram lugar na paisagem, quais presenças se tornam visíveis e como essas inscrições participam das formas de reconhecimento e participação no espaço público?

Ao ir além da mera representação, as manifestações artísticas acrescentam outra dimensão à discussão. Para Deleuze e Guattari (1992), o fazer criativo envolve a produção de *perceptos* e *afectos* que não se reduzem a mimetizar algo existente. Sob a ótica da arte urbana, passamos a acolher as sensações geradas pelas composições e os modos como elas interferem na percepção dos lugares (Fig. 1).

Figura 1 – Arte urbana e experiência corporal no espaço público. Fonte: Acervo do artista, 2026.

Cidade extrativa (Capitaloceno)	Graffiti como fissura
Extrai valor do território	Inscribe narrativas no território
Mercantiliza o espaço urbano	Produz sentidos compartilhados
Homogeneiza paisagens e experiências	Singulariza espaços e vivências
Prioriza circulação e consumo	Favorece permanência e encontro
Produz invisibilidades	Torna visíveis corpos e narrativas
Organiza o espaço para o capital	Reapropria o espaço para as pessoas
Captura subjetividades	Produz processos de subjetivação
Reproduz a cidade-mercadoria	Amplia o direito à cidade

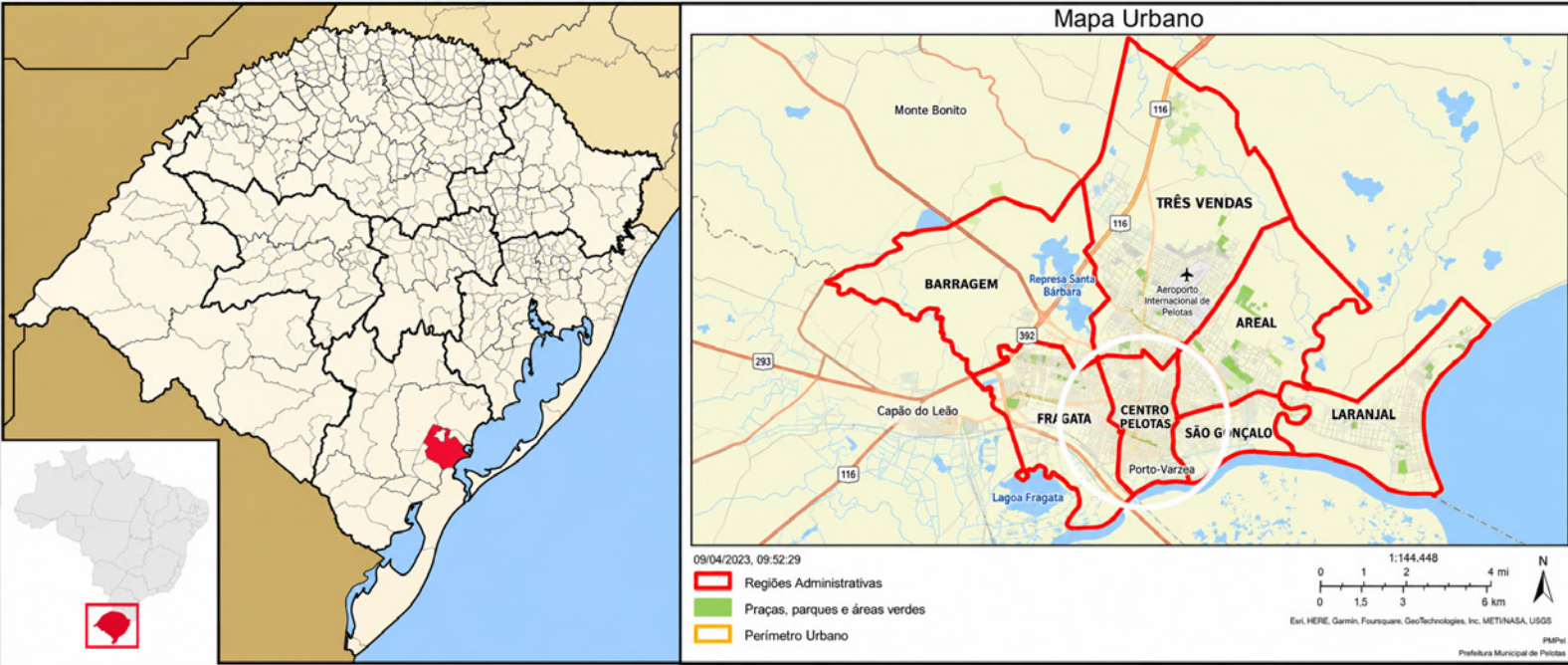
É a partir dessa articulação entre produção do espaço, experiência urbana e criação artística que o artigo retoma o material da dissertação. As intervenções de Gordo Muswieck, o *Domingo de Graffiti* e os percursos realizados com estudantes constituem situações nas quais essas dimensões podem ser observadas conjuntamente (Vargas, 2023). Inscrever imagens, percorrer lugares, registrar acontecimentos e compartilhar interpretações permitem acompanhar como diferentes práticas participam da produção cotidiana da cidade.

Assim, a noção de fissura orienta a passagem entre a discussão teórica e a análise empírica. Ela não designa a superação das relações de dominação, mas uma abertura situada nas formas habituais de perceber, usar e compartilhar o espaço. Para examinar os limites e as potencialidades de novas formas de participação na cidade, o conceito se apoia em três momentos específicos: as negociações da criação coletiva, os encontros durante a pintura e as leituras produzidas pelos estudantes (Qua. 1).

Por esse prisma, são retomados os percursos entre os bairros Centro e Porto, em Pelotas (RS), buscando compreender como as intervenções e as ações coletivas de *graffiti* participam das relações entre corpo, imagem e território. O mapa a seguir situa o recorte espacial da investigação (Fig. 2).

O Graffiti Como Fissura: Experiência Estética E Produção Da Cidade

Compreender o *graffiti* como fissura exige examinar o que acontece entre a intervenção artística, os corpos que a encontram e o lugar em que está inscrita. Em quais circunstâncias uma imagem modifica um percurso, provoca uma conversa ou participa de uma apropriação coletiva? Essas perguntas aproximam o debate sobre a cidade-mercadoria dos acontecimentos do dia a dia, nos quais são percebidos deslocamentos e permanências nas formas de experimentar o urbano.



Embora introduza novas visualidades na cidade, sua presença também envolve usos, encontros e formas de atenção. Esta investigação prioriza tais relações, considerando as imagens em seus contextos de produção e de encontro com o público. Ao introduzir cores, personagens e narrativas nos trajetos cotidianos, o *graffiti* pode tornar perceptíveis superfícies pouco observadas, provocando pausas e mudanças de olhar. Na pesquisa, esses deslocamentos são discutidos a partir dos registros caminhográficos, das entrevistas com o artista e das narrativas produzidas pelos estudantes.

A experiência estética é compreendida como uma relação capaz de alterar os modos de perceber e significar o espaço. É nessa esfera que a reflexão de Rancière (2009) contribui para examinar o alcance político das intervenções. A partir da partilha do sensível, cabe perguntar quais imagens e vozes encontram lugar na paisagem, quem pode inscrevê-las e quais presenças permanecem pouco reconhecidas? A dimensão política do *graffiti* depende de como essas relações são tensionadas em cada contexto, para além de sua exposição no espaço público.

Para acompanhar tais processos, a cartografia sentimental oferece uma orientação atenta à produção conjunta de territórios e subjetividades. Cartografar implica colocar-se em relação com forças que atravessam os corpos e lugares, observando como os encontros e afetos produzem novos modos de existir. A cidade deixa de ser compreendida como um mero suporte físico para revelar-se como um campo de relações em permanente transformação.

Em interlocução com essa perspectiva, a compreensão da arte como criação de *perceptos* e *afectos* permite considerar a consistência sensível das próprias obras. Na análise do *graffiti*, essa contribuição orienta a atenção às composições e às sensações que elas sustentam. As experiências da pesquisadora e dos demais participantes são consideradas em sua singularidade, compondo diferentes leituras dos murais e dos lugares.

Figura 2 – Localização de Pelotas - Rio Grande do Sul - Brasil; Área de estudo: Bairros Centro e Porto - Mapa Regiões Administrativas, Pelotas (RS). Fonte: Dissertação da autora, 2023.

A aproximação com essas experiências orienta a escolha pelo caminhar como prática de investigação. Conforme discute Paola Jacques (2012), a errância urbana possibilita dinâmicas que tensionam a organização funcional e os usos programados da cidade. Caminhar, desviar-se e permanecer tornam-se formas de atenção às situações que escapam a uma leitura exclusivamente funcional do espaço. Essa abordagem amplia a compreensão do território e pode dialogar com mapas, documentos e outras fontes de pesquisa.

No contexto desta pesquisa, a Caminhografia Urbana orienta a investigação, e sua leitura é aqui articulada às ações de registrar, jogar e criar discutidas por Eduardo Rocha, Taís Beltrame dos Santos e Paula Pedreira Del Fiol (2024). Essa articulação contribui para interpretar os registros e as relações com a cidade, produzidos a partir da presença corporal e dos acontecimentos encontrados durante os percursos – é o caminhar como prática estética engendrando formas de habitar o urbano.

A dissertação reuniu revisão de referências, caderno de campo, entrevistas de manejo cartográfico, observação participativa do processo de pintura e consulta ao acervo do artista (Vargas, 2023, p. 44). Neste artigo, são retomados especialmente o *Domingo de Graffiti* acompanhado em 5 de setembro de 2021, as entrevistas com Muswieck realizadas nessa ocasião e em 15 de março de 2023 e as experiências caminhográficas desenvolvidas com estudantes em 2022.

As atividades com os estudantes de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL compreenderam quatro caminhografias, realizadas entre agosto e setembro de 2022 (nos dias 18 e 25/08, 01/09 e no período de 08 a 15/09). Organizados em grupos de três a cinco integrantes, os participantes produziram fotografias, vídeos e textos que, posteriormente, foram reunidos em mapas interativos no *Google My Maps*. Essa sequência pedagógica envolveu a escolha de lugares, o registro de trajetos, intervenções efêmeras e o *Percorso do Graffiti* – este último dedicado às obras de Muswieck ente os bairros Porto e Centro. Por fim, essas vivências foram sintetizadas em *collages* e apresentações coletivas (Vargas, 2023, p. 85-113).

Para este artigo, a releitura do material organiza-se em dois eixos: as relações de criação e compartilhamento durante o *Domingo de Graffiti* e as experiências de percepção e interpretação do território nas caminhografias. As falas do artista são relacionadas aos registros da observação participativa, enquanto as produções e narrativas dos estudantes são examinadas em suas referências às obras e às condições urbanas encontradas. A noção de fissura orienta a interpretação das situações em que se constituem outros usos, encontros e sentidos para os lugares, aproximando as experiências documentadas do debate sobre a cidade-mercadoria no Capitaloceno.

O conhecimento se constrói nessa relação: o que chama a atenção, os desvios realizados e os retornos aos lugares que participam da leitura do território. As intervenções de graffiti são acompanhadas em sua relação com as superfícies, os usos do entorno e as situações vividas durante a pesquisa. Dessa forma, a Caminhografia possibilita interrogar como imagens e práticas artísticas participam da experiência urbana (Fig. 3).

Entre as experiências discutidas, o *Domingo de Graffiti* permite examinar a relação entre criação artística, tempo e encontro. A pintura coletiva amplia a análise para o processo de realização das intervenções, envolvendo a presença dos participantes e sua relação com a rua.

Na entrevista de março de 2023, Muswieck distingue os trabalhos realizados para clientes, mediante projeto e aprovação, da produção que desenvolve na rua sem destinatário individual definido. Nas palavras do próprio artista: “O *graffiti* mesmo é



aquele que a gente faz o que quer, junto com a galera ou sozinho mas doando esse pedaço nosso, assim... pra rua, para as pessoas” (Muswieck apud Vargas, 2023, p. 138). A fala de Muswieck destaca a autonomia criativa e o compartilhamento como sentidos atribuídos à prática. A ideia de “doar esse pedaço nosso” permite compreender a inscrição como um gesto dirigido a pessoas que não necessariamente conhecem o artista ou participam de sua realização. Essa distinção, formulada por alguém cuja trajetória também inclui trabalhos remunerados, situa a criação de rua nas relações entre trabalho, autonomia e acesso à experiência artística.

O conceito de ócio criativo, discutido por Domenico De Masi (2000), permite refletir sobre a combinação entre concepção, prazer e convivência nesses encontros. A destinação de tempo à pintura e à presença compartilhada pode tensionar sua organização exclusivamente produtiva. Na entrevista de 2021, Muswieck relaciona a escolha do domingo à disponibilidade dos participantes diante de suas atividades de trabalho e destaca sua preferência por continuar aquela pintura acompanhado dos amigos (Vargas, 2023, p. 135). É por meio do encontro que se constrói o verdadeiro sentido da atividade.

A fissura se revela no modo de viver e compartilhar o tempo, abrindo espaço para a permanência, a criação coletiva e a construção de vínculos com o lugar. Para tanto, busca-se aproximar essa discussão das interações durante a pintura, das negociações em torno do painel e das leituras urbanas produzidas nas caminhografias, examinando como essas práticas atuam na produção cotidiana de Pelotas.

Figura 3 – Intervenção de Gordo Muswieck no bairro Porto, Pelotas (RS). Fonte: Acervo do artista, 2023.

Produzir Cidade pelas Práticas Sensíveis: a experiência de Pelotas

As reflexões desenvolvidas até aqui encontraram na experiência realizada em Pelotas (RS) uma oportunidade para investigar as relações entre práticas artísticas e produção cotidiana da cidade. O recorte entre os bairros Centro e Porto reúne paisagens e usos que permitem acompanhar diferentes condições de inserção do *graffiti*. A formação e o desenvolvimento desta cidade estiveram profundamente vinculados à produção e à circulação de mercadorias. O ciclo do charque, sustentado historicamente pelo trabalho escravizado, a expansão ferroviária, a estrutura portuária e a industrialização participaram da configuração de seu território e de suas desigualdades. As transformações dessas atividades deixaram marcas na paisagem, incluindo edificações que perderam suas funções anteriores e passaram a abrigar outros usos ou permaneceram desocupadas. À luz da discussão sobre o Capitaloceno, essas permanências e transformações permitem interrogar as relações entre acumulação, trabalho e produção do espaço. Entretanto, a paisagem industrial não se resume ao abandono: seus usos atuais e suas formas de apropriação também precisam ser considerados. As contribuições de Anita Rink (2013) e Celso Gitahy (1999) situam o *graffiti* no debate sobre a intervenção urbana e sua relação com a vida social. Este estudo é orientado pela atenção às inscrições e às práticas coletivas que encontram lugar nas superfícies da cidade.

Na área central do município, em meio às edificações históricas e aos usos comerciais, as obras de Gordo Muswieck introduzem personagens e frases nos percursos cotidianos. Em tapumes, muros e fachadas, surgem personagens lúdicos, conhecidos como *Stevies*, frequentemente acompanhados por mensagens dirigidas a quem passa. Frases como “Uma cabeça cheia de medos não tem espaço para sonhos” ou “A arte vai salvar o mundo” compõem o diálogo entre imagem, palavra e superfície urbana. Na leitura proposta pela pesquisa, essas inscrições oferecem possibilidades de encontro que excedem a função de fechamento dos muros e tapumes. Segundo Muswieck, as frases procuram alcançar também quem não se detém na interpretação das imagens, constituindo outra possibilidade de aproximação com o trabalho (Vargas, 2023, p. 83, 133).

À medida que a caminhada avança em direção ao bairro Porto, as manifestações artísticas passam a ser percebidas em relação mais direta com a paisagem industrial e suas transformações de uso. A presença de murais e eventos de arte urbana nesses espaços permite discutir como estruturas vinculadas a atividades produtivas anteriores participam de novas experiências coletivas. A reflexão de Anna Tsing (2019) sobre a sobrevivência colaborativa nas ruínas do capitalismo oferece uma aproximação para pensar a continuidade e a recomposição da vida em paisagens transformadas pela acumulação. Essa aproximação orienta a atenção às relações que sustentam as práticas nos lugares, considerando os recursos disponíveis, os encontros e as formas de colaboração (Fig. 4).

Nesse percurso, a noção de fissura direciona a atenção para situações em que as relações com as edificações e as ruas se modificam. Uma superfície pode adquirir outros sentidos ao receber uma intervenção; uma atividade coletiva pode criar oportunidades de encontro e permanência. O *Domingo de Graffiti* acompanhado pela pesquisadora propiciou examinar essas relações durante a produção de um painel.

Em 5 de setembro de 2021, na zona do Porto, houve o encontro com Muswieck, Ges e Nem. Em um dia que alternava sol e chuva, o grupo de amigos grafitava em meio à música, ao cheiro de tinta e às pessoas que passavam e paravam no local. Durante uma pausa, a entrevista aconteceu no meio-fio, junto ao processo de criação. A pesquisa se realizou em uma situação na qual pintar, conversar e observar integravam a experiência compartilhada da rua (Vargas, 2023, p. 82–83, 133).



Figura 4 – Intervenções de Gordo Muswieck (Stevies) em áreas de ocupação comercial e industrial nos bairros Centro e Porto, Pelotas (RS). Fonte: Acervo do artista, 2023.

Conforme registra a transcrição da entrevista, carros paravam para olhar, um conhecido chegou trazendo bebida para os artistas e uma pessoa – posteriormente identificada como estudante de artes interessado em grafitar – acompanhavam a pintura. Além de jovens que se mantiveram por algum tempo sentados ao meio fio observando. Esses acontecimentos fornecem materialidade à ideia de encontro: a execução da obra produzia ocasiões de aproximação entre os grafiteiros e outras pessoas, ampliando os usos daquele espaço durante a atividade (Vargas, 2023, p. 133-134).

Negociações com o lugar também faziam parte dessa relação: o proprietário solicitou que o portão da garagem permanecesse visualmente distinguível do painel, com o intuito de evitar o estacionamento diante da entrada. A composição precisava considerar essa demanda, articulando a criação artística ao funcionamento habitual da edificação (Vargas, 2023, p. 134–135).

Evidencia-se, na negociação sobre o portão, que a abertura da superfície à expressão artística convive com a manutenção do controle sobre o imóvel. Por meio de sua participação, os artistas transformam a aparência do local, enquanto o proprietário intervém nas decisões para preservar o acesso à garagem. Esse episódio explicita as condições e os limites da criação compartilhada: a dimensão pública da pintura se estabelece em sua relação com a rua, permanecendo vinculada à propriedade e aos usos do suporte.



Diante das escolhas técnicas, os materiais disponíveis participavam ativamente das decisões. Muswieck explica que a composição cromática dependia das tintas obtidas, incluindo aquelas fornecidas pelo proprietário e reunidas pelos participantes. Em termos estruturais, o fundo funcionava como elemento de ligação entre os trabalhos, enquanto personagens e sobreposições aproximavam as diferentes intervenções. A unidade do painel era produzida por escolhas compartilhadas, articulando recursos, linguagens e contribuições individuais (Vargas, 2023, p. 135–136).

Essas condições aproximam a experiência do debate sobre o Capitaloceno: o tempo disponível para pintar é negociado com as jornadas de trabalho, os materiais dependem de recursos obtidos e compartilhados, e a intervenção se realiza em uma superfície submetida à propriedade e a usos cotidianos. A criação coletiva acontece dentro dessas relações. Sua potência de fissura reside na destinação de tempo, materiais e capacidade criativa a uma atividade que, segundo o artista, encontra sentido no convívio e na oferta da obra à rua. O episódio permite observar uma tensão entre a organização da vida em torno do trabalho remunerado e a produção de vivências e usos compartilhados.

A discussão de Lefebvre (2001) permite reconhecer nessa atividade uma participação na produção da cidade como obra, onde os sujeitos intervêm na paisagem e negociam suas ações. Paralelamente, a atenção de Gehl (2015) à permanência e à convivência contribui, por sua vez, para perceber como a atividade artística acrescenta usos à rua (Fig. 5).

Inserido em uma dinâmica regional, o festival *Spray'sons* integra o contexto mais amplo dessas práticas em Pelotas. Esse evento é apresentado na dissertação como uma iniciativa que reúne artistas e outras atividades culturais, incluindo a participação do projeto *Graffiti Down*. Sua contextualização no estudo contribui para situar a cena local de arte urbana, enquanto a análise das interações acompanhadas presencialmente se concentra no *Domingo de Graffiti* (Vargas, 2023, p. 20) (Fig. 6).

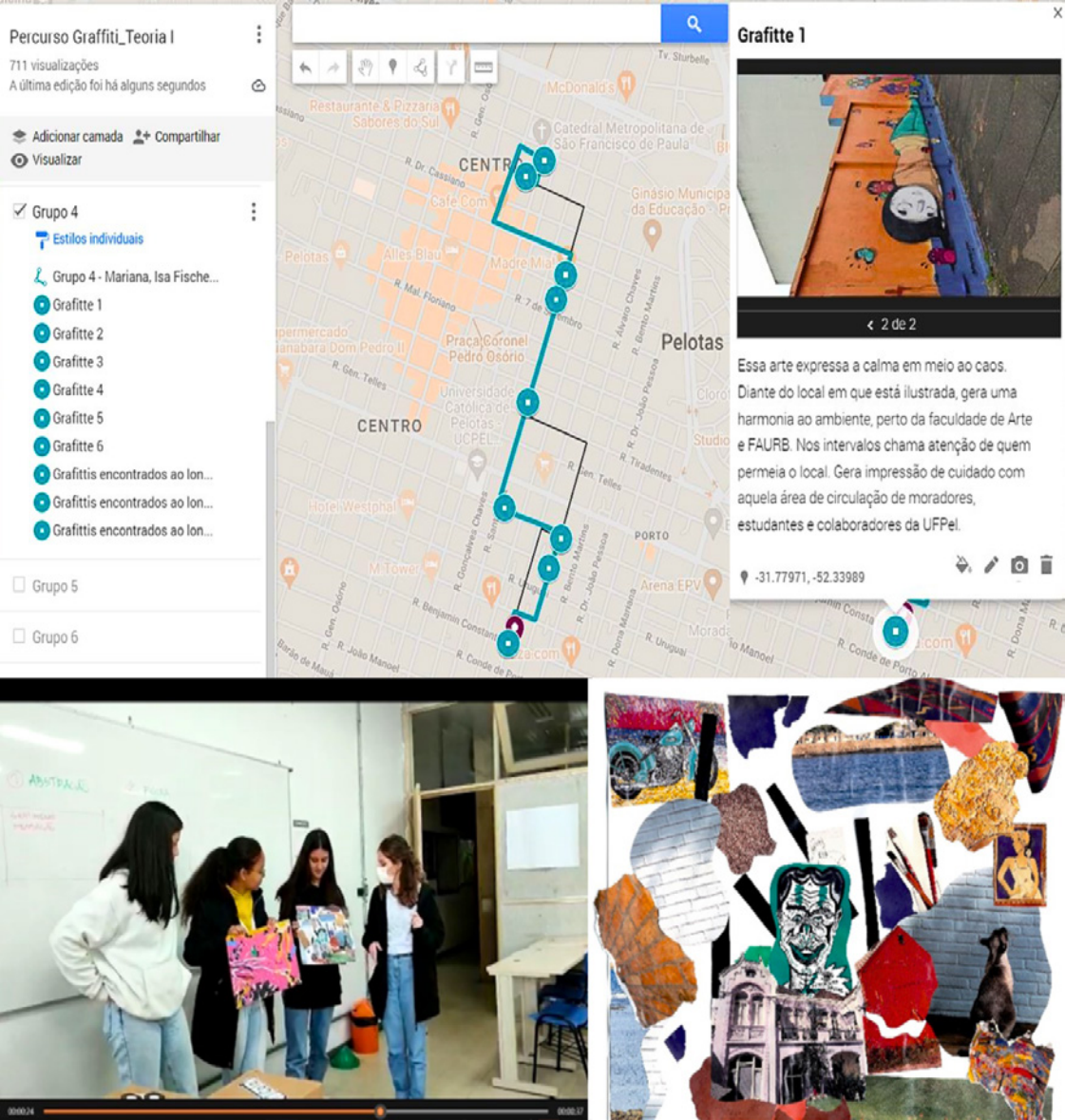
Outra dimensão da experiência aparece no *Percurso do Graffiti*, realizado pelos estudantes entre 8 e 15 de setembro de 2022. A pesquisadora elaborou um mapa com obras de Muswieck entre os bairros Porto e Centro, e os grupos escolheram a ordem de visita aos pontos. A atividade solicitava registros das intervenções e atenção ao caminho: sons, pessoas, detalhes e outros murais também integravam a leitura. As obras eram encontradas no contexto relacional com o território percorrido (Vargas, 2023, p. 95).

Reunindo vivências das diferentes caminhografias, as *collages* e suas apresentações ganharam força. Os estudantes associaram em suas narrativas, as cores dos murais, a arquitetura, a vegetação, os materiais e as lembranças dos percursos. O grupo 6 destacou a presença das intervenções junto a edificações antigas e modernas, pessoas e movimento, compondo uma leitura de coexistência desses elementos na cidade (Vargas, 2023, p. 110–112).

O grupo 8 trouxe à discussão diferenças de pavimentação, cuidado com os espaços e condições de moradia percebidas no bairro. Ao apresentar suas composições, os participantes relacionaram as condições observadas ao desejo de lugares com



Figura 7 – Caminhografia Urbana e experiência estética. Fonte: Acervo da autora, 2023.



vegetação, infraestrutura e habitação adequada. Esses relatos mostram como o conjunto das atividades aproximou a experiência sensível de questões materiais da vida urbana. O *graffiti* participou desse percurso de leitura, integrado a outras presenças e situações que mobilizaram os estudantes (Vargas, 2023, p. 112–113).

A experiência em Pelotas permite aproximar o debate sobre o Capitaloceno das relações cotidianas com o espaço urbano. Embora reconfigurações macroestruturais e institucionais sejam indispensáveis ao enfrentamento das crises contemporâneas, as práticas acompanhadas permitem investigar possibilidades de criação e apropriação que se realizam em outras escalas. No *Domingo de Graffiti*, destacam-se a criação conjunta e as negociações com o entorno; nas caminhografias, a produção de registros e interpretações sobre a paisagem e suas desigualdades. Essas vivências articulam diferentes formas de participar da cidade.

Neste cenário, a fissura pode ser reconhecida quando uma situação abre possibilidades de atenção, permanência ou participação que alteram temporariamente a relação com o lugar. Os registros analisados situam essas aberturas nos encontros durante a pintura e nas leituras elaboradas pelos participantes das caminhografias. A efemeridade das ações torna relevante considerar também suas narrativas e registros, por meio dos quais a experiência volta a ser compartilhada e discutida.

Para sintetizar as relações entre o percurso investigativo, os materiais e as interpretações, apresenta-se o quadro 2.

Movimento da investigação	Compreensão construída
Caminhar	Produzir disponibilidade para a experiência do território.
Retornar	Reconhecer transformações e múltiplas temporalidades da cidade.
Encontrar	Construir relações entre arte, arquitetura, memória e cotidiano.
Cartografar	Acompanhar processos em permanente transformação.
Produzir fissuras	Reorganizar modos de perceber e habitar o urbano.
Tornar perceptível a produção da cidade	Evidenciar os processos pelos quais o espaço vivido é continuamente constituído.

Práticas como estas evidenciam como a criação e a leitura compartilhadas da paisagem participam da produção cotidiana da cidade. Pintar, negociar, caminhar, registrar e interpretar constituem ações pelas quais os sujeitos se relacionam com os lugares e com suas condições de vida. É nessa articulação entre criação, vivências e apropriação que o artigo situa a dimensão sensível do direito à cidade.

Considerações Finais: o direito ao sensível

As discussões desenvolvidas ao longo deste artigo partiram do reconhecimento de que as crises contemporâneas envolvem os modos de produção e de experiência na cidade. A perspectiva do Capitaloceno permitiu relacionar a mercantilização do espaço urbano aos processos históricos de acumulação e apropriação do trabalho e da natureza. Nesse contexto, a investigação voltou-se às possibilidades de criação e de uso compartilhado que se constituem no cotidiano, examinando o *graffiti* a partir da ideia de fissura.

A análise das ações entre os bairros Centro e Porto, em Pelotas, sugere que a relevância de tais práticas reside tanto nas imagens inscritas nas superfícies quanto nas relações e encontros suscitados durante a sua realização. No *Domingo de Graffiti*, movimentos como a partilha de materiais, a coautoria no painel, a mediação com o proprietário e a interação com o público, evidenciaram o fazer artístico como prática de vinculação ao lugar. Na experiência dos estudantes, registros e narrativas conectaram a presença das obras aos elementos do entorno e às assimetrias socioespaciais percebidas nos percursos. Essa participação assume formas distintas conforme os lugares, as condições de produção e os sujeitos envolvidos.

Como contribuição para essa leitura, a Caminhografia Urbana permitiu articular a presença corporal, o que foi apreendido e os retornos aos lugares. Essa trajetória investigativa permitiu conectar as manifestações visuais à morfologia e aos usos do entorno, compreendendo que o conhecimento emerge dos encontros e das mudanças de atenção ao longo do caminhar. As fotografias, os mapas, os escritos e as *collages* estabeleceram meios de elaborar e compartilhar essas experiências, aproximando a percepção sensível da discussão sobre as condições de vida urbana.

Quadro 2 – Síntese do percurso investigativo. Fonte: elaboração da autora, 2026.

Sendo assim, a noção de fissura mostrou-se pertinente para interpretar aberturas provisórias nas formas habituais de relação com a cidade. Nas situações analisadas, essas aberturas se constituíram na destinação de tempo à criação compartilhada, nos encontros durante a pintura e na elaboração coletiva de leituras do território. A alternativa discutida reside nessas práticas que atribuem valor ao uso, à convivência e à participação na paisagem, tensionando sua subordinação exclusiva à rentabilidade. Por isso, o caráter político dessas práticas precisa ser compreendido em suas condições concretas, considerando também suas ambiguidades e possíveis aproximações com a valorização mercantil do espaço.

O recorte da investigação permite discutir essas possibilidades, mas não estabelecer efeitos duradouros das intervenções sobre o conjunto da vida urbana. O acompanhamento das apropriações posteriores aos eventos e das experiências de outros sujeitos poderia aprofundar a compreensão do que permanece dessas ações, de quem participa e de quais limites encontram. Reconhecer esse alcance preserva a relevância das vivências sem atribuir a elas a superação das contradições estruturais discutidas.

É a partir dessas questões que o artigo propõe pensar o direito ao sensível como uma dimensão do direito à cidade: a possibilidade de participar da produção de suas imagens, narrativas, encontros e formas de expressão. Esse panorama articula-se às condições materiais de acesso, moradia, mobilidade e permanência, das quais depende a participação na vida urbana. Envolve poder afetar e ser afetado pelos lugares, reconhecer-se na paisagem e contribuir para sua transformação.

As práticas discutidas em Pelotas oferecem pistas de como essa perspectiva pode ganhar expressão no dia a dia. Entre a inscrição de uma imagem, o encontro em torno de sua realização e a produção de leituras compartilhadas do território, abrem-se possibilidades de produzir e compartilhar a cidade. Nessas relações, a fissura demarca uma abertura cujo alcance se consolida na experiência, mantendo em disputa os modos de habitar e criar o urbano.

Referências

ALTVATER, Elmar. Crítica da economia política na praia de plástico e o fetiche do capital no Antropoceno. *Revista Margem Esquerda*, São Paulo, v. 31, p. 69-84, 2018.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2013.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESCOBAR, Arturo. Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 35, p. 89-100, 2015.

GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HARAWAY, Donna J. Pensamento tentacular: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, Campinas, v. 3, n. 5, 2016.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes*: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MENEZES, Flo; SAFATLE, Vladimir. *A potência das fendas*. São Paulo: n-1 edições, 2021

MOORE, Jason W. (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno?* Natureza, história e a crise do capitalismo. Tradução de Antônio Xerxenesky e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RINK, Anita. *Graffiti*: intervenção urbana e arte contemporânea. Curitiba: Appris, 2013.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos; DEL FIOL, Paula Pedreira. Registrar, jogar e criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 11, 2024.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas*: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VARGAS, Gabriele. *Graffiti e produção de subjetividade*: cartografando diálogos sensíveis através das obras de Gordo Muswieck. 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.